

A RELEVÂNCIA DO USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS DE ENSINO DE FILOSOFIA.

Adriana Alves de Lima Lopes¹

Lucas Rocha Faustino²

RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar o uso de sequências didáticas de filosofia como metodologia de ensino de filosofia no ensino médio em escolas públicas no município de Parnaíba, Piauí. Nesse contexto, nossa pesquisa busca identificar se a proposta supracitada contempla atividades que estimulem a reflexão, a argumentação e a análise crítica, tanto por parte dos alunos quanto dos professores em sala de aula, assim como facilita a assimilação de conceitos filosóficos, mas também promove um ambiente de diálogo e troca de ideias, essencial para a formação de pensadores críticos. Para isso, a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre o ensino de Filosofia e em práticas aplicadas em sala de aula. A elaboração de sequências didáticas de filosofia foi organizada em etapas (problematização, leitura e interpretação de textos, atividades de análise, debates e produção escrita). A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante, registros de atividades e questionários aplicados aos alunos, possibilitando analisar percepções, dificuldades e avanços. Com isso, os resultados sugeriram que o uso de sequências didáticas possibilitou maior organização do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando clareza nos objetivos de cada etapa. Os alunos demonstraram maior envolvimento nas discussões, maior capacidade de relacionar conceitos filosóficos a situações cotidianas e avanços na construção de argumentos críticos. Além disso, a metodologia mostrou-se eficaz para promover a autonomia intelectual e estimular a participação coletiva, reforçando a relevância do ensino de Filosofia como espaço formativo para a cidadania. Identificamos que essa abordagem colaborativa pode fomentar um espaço educativo em que o ensino de filosofia não se limita à mera transmissão de conteúdos, mas se transforma em um processo de construção conjunta do conhecimento.

Palavras-chave: Sequência didática, Ensino, Filosofia.

INTRODUÇÃO

O ensino de filosofia no Brasil tem sido pauta de debates entre os estudiosos da área, em decorrência de oscilações que por vezes o consolidam como parte estruturante dos currículos nas escolas de ensino médio, e por outras o colocam em um patamar inferior aos demais componentes curriculares. Essa oscilação acerca da obrigatoriedade do ensino de

¹ Professora efetiva do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Piauí, UESPI (Campus Parnaíba), adrianalp@phb.uespi.br;

² Professor efetivo do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Piauí, UESPI (Campus Parnaíba), lucasrocha@phb.uespi.br;





filosofia na educação básica se apresenta como um grande desafio no que tange à formação de professores de filosofia no Brasil. Um dos eixos para essa discussão reflete diretamente nas práticas de ensino de filosofia nos cursos de licenciatura no Brasil. Para isso, precisamos levar em consideração os diversos contextos que devem ser analisados no processo de formação de professores, como, por exemplo, a formação inicial e continuada, o contexto escolar, as práticas e metodologias de ensino, dentre outros.

Nesse contexto, a presente proposta de pesquisa visa discutir como a práxis do ensino de filosofia influencia diretamente no seu fazer docente. Parece-nos pertinente questionar em que medida o método encontrado pelo professor para comunicar seu saber é relevante para o seu processo de formação, o que nos leva a repensar algumas questões discutidas nas práticas e metodologias de ensino de filosofia, como, por exemplo: é possível ensinar filosofia? Qual a metodologia mais adequada na transmissão de seus conteúdos? Conforme a nova BNCC (2018), como as competências e habilidades do componente curricular de filosofia são ensinadas na escola?

Partimos do pressuposto de que articular práticas e metodologias de ensino de filosofia requer não somente a transmissão de conhecimentos filosóficos, numa tarefa de estimular no aluno o desenvolvimento de saberes e conceitos filosóficos, mas exige o desenvolvimento de habilidades e competências argumentativas capazes de associar a filosofia como aliada na reflexão das questões essenciais da existência humana. Como bem nos esclarece (Araújo, 2017):

[...] a metodologia de ensino busca imprimir um dado norteamento, fundado numa orientação que envolve a totalidade do processo de ensino, buscando, através dele, racionalidade e operacionalização, o que implica necessariamente, em recusa à improvisação. A metodologia de ensino também não pode erigir-se somente como finalidade, nem se apresentar com importância maior do que o aluno ou sobrepô-lo, uma vez que ela se constitui fundamentalmente como mediação entre o professor e o aluno, a qual se desenrola, tendo em perspectiva a formação dos alunos, sua autonomia, sua emancipação, seu desenvolvimento pessoal. (Araújo, 2017, p. 20).

Desse modo, o estudante em formação precisa compreender seu processo de formação enquanto laboratório de criação de conceitos (Gallo, 2012). Todavia, tal como nos advertem Aspis e Gallo (2009, p. 49) considerar apenas a divisão histórica e cronológica da filosofia para pensar a sua prática de ensino em sala de aula é algo, no mínimo arriscado, pois pode reduzir o professor a um mero transmissor de conteúdos e o aluno a simples espectador, o que o impede de criar, articular conceitos e ideias dialogando com as diferentes concepções de





mundo. Isso nos faz pensar que uma boa prática filosófica exige uma metodologia do ensino de filosofia que possa, à luz da história da filosofia, criar parâmetros didático-filosóficos que propiciem tanto a criticidade quanto a criatividade dos estudantes, para que sejam capazes não somente de refletir acerca dos problemas que incidem sobre o educacional, mas também de serem indivíduos capazes de os transformar.

Assim, nossa hipótese de pesquisa tem como propósito avaliar a viabilidade do uso de sequências didáticas de ensino de filosofia como prática metodológica. Isso se justifica, pois, tendo em vista a gama de questões e concepções filosóficas que a história da filosofia nos apresenta, apostamos que a elaboração de uma fundamentação teórica como orientação de uma sequência didática de ensino de filosofia possa contribuir efetivamente para o desenvolvimento crítico e intelectual dos alunos. Concordamos com (Rodrigo, 2009), quando nos diz que:

[...] Cada professor possui suas próprias afinidades filosóficas, sua concepção do que seja o ensino de filosofia, suas estratégias didáticas, enfim, um estilo pessoal de docência. A estruturação de unidades didáticas tem como objetivo (...), apresentar algumas sugestões e exemplos - que podem ser postos em prática, total ou parcialmente, sempre a critério do professor -, mas principalmente servir de estímulo para que cada um elabore suas próprias unidades didáticas. (Rodrigo, 2009, p. 100)

Nesse contexto, entendemos como assertiva a indicação de Zabala (1998), quando defende que toda prática pedagógica exige do professor um percurso metodológico bem elaborado para o seu fazer pedagógico. E, se associarmos a ideia de ensino de filosofia como problema filosófico (Cerletti, 2009) e criação de conceitos (Gallo, 2012), parece-nos pertinente a aplicação de sequência didática no ensino de filosofia como uma metodologia que pode colaborar diretamente com a formação de professores. Pois, como bem descreve (Zabala, 1998) alguns elementos são imprescindíveis para elaboração de uma boa fundamentação teórica para uma dada sequência didática: planejamento, aplicação e avaliação, de modo a estreitar a relação entre forma e conteúdo, ampliando os diferentes horizontes de sentido de ensino e aprendizagem.

Sob esse viés, compreendemos que uma sequência didática para o ensino de filosofia bem planejada pode ser pensada à luz do esforço do professor em elaborar uma fundamentação teórica para uma sequência didática de ensino de filosofia: contexto histórico da filosofia; os objetivos de aprendizagem a serem atingidos, de modo a desenvolver o senso





crítico, reflexivo, a análise de argumentos e conceitos filosóficos nas mais diferentes correntes filosóficas e suas relações com a vida cotidiana; a escolha de temas e tópicos das diferentes áreas da filosofia; assim como também a escolha dos recursos didáticos e avaliação, de forma dialógica e interdisciplinar. Todavia, é nítido esclarecer que o uso de metodologias de ensino e aprendizagem não pode ser entendido como um manual de aplicação, pois cada método, cada prática deve ser previamente analisada e adaptada aos diferentes contextos.

Assim, repensar a formação docente na perspectiva do ensino de filosofia significa o exercício de práticas educativas que corroborem com o fazer filosófico, pois como salienta Gallo (1996): “ [...] A Filosofia apresenta, sim, um sólido terreno sobre o qual se constrói toda e qualquer ação pedagógica, referenciada numa concepção de homem, numa concepção de conhecimento e numa concepção política. Negar a consciência desta realidade é negar a possibilidade de qualquer reflexão filosófica sobre o fenômeno educacional (Gallo, 1996, p. 110).

Portanto, nosso trabalho buscou alargar as discussões sobre o ensino de filosofia, a partir da defesa da emergência de repensarmos práticas e métodos de ensino que possam colaborar com a formação docente em filosofia. A partir disso, propomos a discussão da importância da sequência didática como uma reflexão prática de ensino de filosofia que possa estreitar os laços entre os conteúdos ministrados por meio de atividades bem elaboradas, planejadas e contextualizadas. Identificamos que repensar as metodologias de ensino de filosofia, como, por exemplo, a aplicação de sequências didáticas de filosofia, pode colaborar não somente na condução das atividades em sala de aula, mas principalmente na identificação dos principais conceitos filosóficos estudados, incentivando o desenvolvimento do debate argumentativo e análise crítica pelos professores e alunos.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das atividades da presente pesquisa, buscamos discutir e analisar a relevância do uso de metodologias de ensino inovadoras para a filosofia na sala de aula. Para isso, realizamos um estudo bibliográfico dos textos de apoio elencados nos referenciais bibliográficos, com produção de fichamentos e resumos debatidos em encontros periódicos com estagiários do curso de licenciatura em filosofia da UESPI. A partir desse





apanhado teórico, executamos uma análise crítica acerca dos resultados obtidos na análise; em seguida, organizamos a produção de sequências didáticas de ensino de filosofia aplicadas em três escolas públicas do município de Parnaíba-PI.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e aplicada, desenvolvida em quatro etapas principais:

1. Estudo bibliográfico sobre o conceito de sequência didática, metodologia de ensino de filosofia (estagiários).
2. Elaboração de sequências didáticas de filosofia para turmas de primeiro e segundo anos do ensino médio. Utilizamos nessa etapa a leitura e debate de textos filosóficos, atividades escritas e atividades orais em grupos de, no máximo, cinco alunos. As temáticas foram escolhidas seguindo os Referenciais Curriculares do Piauí (2021) e BNCC (2018). (estagiários).
3. Aplicação das sequências didáticas em sala de aula: para esse momento, seguimos as etapas de uma aula de filosofia como oficina de criação de conceitos descritas por Gallo (2012): Sensibilização do tema; Problemática; Investigação; Conceituação. (estagiários, professores e estudantes das escolas).
4. Análise dos resultados: avaliação por meio de questionários e comentários em sala de aula das estratégias de ensino utilizadas (estagiários, professores e estudantes das escolas).

As sequências didáticas nas escolas foram elaboradas da seguinte maneira:

- A) Divisão da sala em grupos (de até cinco alunos) com sessões temáticas em que cada grupo é responsável por uma temática específica; (2 aulas de 50 minutos),
- B) Produção de um produto do que foi discutido em grupo, por exemplo: pintura, xilogravura, poema, cordel, música, desenho, jogo, cartazes, entre outros; (2 aulas de 50 minutos)
- C) Organização e apresentação da temática discutida em sala de aula: exibição dos materiais produzidos, socialização dos resultados das discussões. Por exemplo, exposição oral de cartazes, explicação das produções feitas, apresentação de uma peça teatral. Sugestão: exposição no pátio/quadra da escola, auditório, convite à comunidade escolar, entre outros. (2 aulas de 50 minutos).





Com isso, verificamos que os objetivos das propostas de sequências didáticas estimulam a argumentação e a compreensão dos conceitos filosóficos estudados, assim como também possibilitam um maior diálogo entre professores e alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente proposta visou contribuir para a formação docente em filosofia, no intuito de, ao compreender o ensinar filosofia como uma tarefa essencialmente filosófica, emergir a necessidade de discutirmos estratégias e ferramentas de prática de ensino de filosofia que possam estreitar a relação teoria e prática de modo mais efetivo.

Com isso, buscamos compreender que, ao elaborar uma fundamentação teórica para uma sequência didática de ensino de filosofia, é importante ter em mente a relevância dos temas abordados, as necessidades e interesses dos alunos, as metodologias de ensino mais adequadas e os objetivos de aprendizagem a serem alcançados. A metodologia de ensino de filosofia deve ser cuidadosamente planejada para desenvolver o pensamento crítico, analítico e reflexivo dos alunos. Isso pode contribuir para uma melhoria das práticas de ensino, tornando-as mais eficazes e adaptadas às necessidades dos alunos.

Portanto, entendemos a sequência didática de ensino de filosofia como uma estratégia de ensino que busca explorar, avaliar e melhorar as práticas educativas. Ela permite uma análise aprofundada dos processos de ensino e aprendizagem. Desse modo, esta pode apresentar-se como uma ferramenta importante para que o estudante de filosofia, enquanto educador, possa compreender-se como mediador do processo de ensino e aprendizagem, tornando-se pesquisador de sua própria prática.

Nesse sentido, buscamos com essa pesquisa contribuir para o ‘rompimento’ de práticas tradicionais de ensino que (Zabala, 1998, p.54) denomina de “circuito didático dogmático”, o que, para nós, no que tange ao ensino de filosofia termina, por vezes, desconectando a filosofia do filosofar. Suspeitamos que repensar, refletir e propor novas metodologias de ensino possam contribuir significativamente para a construção de um ensino mais dinâmico, envolvente e relevante, no desenvolvimento da autonomia dos estudantes tanto academicamente quanto pessoalmente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Nesse estudo, compilamos o aparato teórico e bibliográfico que nos servirá de base para a criação de um guia de sequências didáticas de filosofia no ensino médio. Identificamos que a formação docente em filosofia na Universidade se consolida na escola, na prática docente vivenciada pelos estudantes em formação. O estreitamento do eixo universidade-escola tem sido um aliado no desenvolvimento de metodologias de ensino de filosofia que possam articular teoria, prática e cotidiano.

As sequências didáticas são elaboradas nas disciplinas de “Metodologia do ensino de filosofia” e “Estágio Supervisionado” do curso de licenciatura em filosofia da Universidade Estadual do Piauí, com o intuito de reunir, a cada semestre, um compilado de técnicas e práticas de pesquisa em filosofia que possam ser utilizadas como estratégias de ensino e aprendizagem da prática docente de nossos estudantes.

Todavia, é nítido ressaltar que tal metodologia não pode ser entendida como um manual a ser seguido pelo estudante/estagiário, pois isso, por si só, não garante a assimilação dos conteúdos nem tampouco a conexão teoria/prática. Essa conexão é possível quando o aluno desenvolve uma leitura mais crítica do mundo, como bem defende Freire (2004), quando compreende a autonomia do indivíduo como determinante para o bom desenvolvimento de seu processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, as etapas de debate, de diálogo em sala de aula têm nos instigado a repensar cada vez mais nossa formação docente, como mediadores de uma educação dialógica e contextualizada com o mundo e com os outros, de modo a proporcionar o protagonismo juvenil e o desenvolvimento crítico de nossos estudantes (BNCC, 2018).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. Da metodologia ativa à metodologia participativa. *In: VEIGA, I. P. A. et al. Metodologia participativa e as técnicas de ensinoaprendizagem*. Curitiba: CRV, 2017.

ARAÚJO, Denise Lino de. **O que é (e como faz) sequência didática?** Entrepalavras, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan.-jul. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC/SEMT, 2000.





BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** – Parte IV: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas - volume 3. Brasília: 2000.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FÁVERO, Altair A.; RAUBER, Jaime J.; KOHAN, Walter (Orgs.). **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

FRANCO, M. A. S.; FERREIRA L. G. **Didática: saberes estruturantes e formação de professores**. Salvador: Edufba, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GALLO, Silvio. “Ensino de filosofia e criação de conceitos: possibilidades didáticas”. In: GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 85-117.

GALLO, Sílvio. **A filosofia e a formação do educador: os desafios da modernidade**. In: BICUDO, Maria A. v.; SILVA JUNIOR, Celestino A. da. **Formação do educador**. São Paulo: Unesp, 1996, vol 2.

GALLO, Silvio; CORNELLI, M.; DANELON, M. (Orgs.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIAUÍ, Secretaria de Estado da Educação. **Currículo do Piauí: Novo Ensino Médio**. 2021. Teresina. 2021.

PIMENTA, S.; ANASTASIOU, L. **Docência no ensino superior**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Como ler um texto de filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares**. Educação em Revista, Marília: v. 12, n. 1, p. 81-96, jan./jun.2011.





SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VEIGA, I. P. A. *et al.* (org.). **Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem**. Curitiba: CRV, 2017.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

